

**Gerard e Harriet Van Groningen, *A Família da Aliança* (São Paulo: Editora Cultura Cristã, 1997). Traduzido por Maria Priscila Barro.**

Essa obra possui uma série de peculiaridades e, para este resenhista, uma certa singularidade. O que lhe é peculiar: ter sido escrita em parceria marido/mulher; ser o resultado de 35 anos de estudo bíblico; ser o resultado ainda de muitos cursos e palestras em igrejas ao redor do mundo abordando o assunto família; refletir a experiência de praticamente 50 anos de casamento, oito filhos e mais de 30 netos; e ter sido publicada primeiramente no Brasil.

A singularidade é poder sentir um certo gosto de participação nesse processo. Primeiramente, por ter tido o privilégio de conviver com esse casal muito especial; em segundo lugar, por ter recebido do Dr. Van Groningen o material para editar o livro. Logo encaminhei o material ao Rev. Claudio Marra, editor da Editora Cultura Cristã, que muito se alegrou em poder publicar em primeira mão este livro, não somente no Brasil, como também a edição em inglês para o restante do mundo.

O objetivo de Gerard e Harriet Van Groningen nessa obra é apresentar os fundamentos bíblicos para a vida familiar cristã. Muitos livros têm sido escritos acerca do assunto família, sem entretanto, ir além de regras e métodos ou ainda de abordagens poéticas do ideal familiar. Aliás, a beleza do livro reside no vislumbamento prático dos exemplos e, mesmo sem ter dito tudo sobre o assunto, em preparar um sólido fundamento bíblico aberto para desenvolvimentos posteriores.

O livro é o resultado prático de uma teologia bíblica equilibrada, abrangente e profunda. Logo de início, no capítulo 1, o cristão é desafiado a ser parte do “povo do Livro,” ou, como se afirma, um cristão que encontra na Bíblia sua única regra de fé e prática. Nesse capítulo é muito interessante o confronto de uma perspectiva exemplarista com a perspectiva que a própria Escritura anuncia — a prescrição. Deus não escreveu apenas para tomarmos conhecimento. Ele quer transformar nossa vida.

No capítulos 2 e 3 os autores desenvolvem as bases bíblicas que explicam *aliança* e *família*. A família tradicional é um título bastante comum no mundo religioso e mesmo nos estudos sociológicos. Os autores preferem chamar essa família nuclear de família da aliança. Isso se dá em virtude do fato de que a origem da família deu-se num contexto da aliança que Deus estabeleceu com a sua criação. Na criação, Deus estabeleceu um vínculo com o homem e a mulher, um relacionamento real e vivo com ambos. A aliança, portanto, é um vínculo de amor e de vida caracterizado pelo relacionamento indestrutível entre Deus e os seres humanos. Quanto à origem da família, as poucas palavras dos autores — a família não se desenvolveu, ela foi planejada — são um megafone apologético quando percebe-se que o modelo da moda é o de aceitar as mudanças familiares *porque a sociedade mudou*. Leia-se em mudanças familiares, divórcio, homossexualismo, filhos com pais ausentes e ausência da liderança do homem como modelos bem aceitos. Deus sabia o que fazia quando criou a família. Deus abençoou homem e mulher, deu-lhes o poder, a habilidade e o desejo de serem marido e mulher e pais.

O capítulo 4 volta-se especialmente para a demonstração de que o casamento é uma aliança. Assim como a aliança de Deus conosco é um vínculo eterno de amor e vida,

assim deve ser o casamento. Nesse capítulo os autores combatem as idéias mais comuns que são apresentadas na tentativa de minimizar a aliança entre homem e mulher. Idéias como: o casamento já era! é apenas um contrato! é apenas uma instituição! são pontos de vista considerados na discussão. Nesse capítulo ainda nos é apresentada a *cola* para que a aliança permaneça. Não fica de fora a declaração firme de que não devemos estar em jugo desigual, seja na adoração ou na formação de uma nova família.

No capítulo 5, ainda estabelecendo fundamentos para a vida, os autores apresentam os mandatos encontrados no livro de Gênesis. Esses mandatos foram dados ao homem e à mulher, seus subgerentes administradores da aliança. Os mandatos são o espiritual, o social e o cultural. O mandato espiritual é o relacionamento íntimo, o andar e o falar do ser humano com o Criador. O mandato social é o relacionamento de amor que existe na família — marido, mulher e filhos —, assim como esse mesmo vínculo é visto na grande família, a parentela. Esse vínculo é de tal forma que as crianças crescem equilibradas emocionalmente simplesmente por perceberem que a aliança dos pais é um vínculo até à morte. O mandato cultural considera todos os aspectos da cultura relacionados com Deus, tendo, portanto, uma dimensão e influência espiritual. Todos os mandatos, na verdade, estão interligados. Todos devem ser honrados, obedecidos e desenvolvidos.

Os capítulos 6 e 7 tratam do papel do homem e da mulher na família da aliança. O modelo para os papéis que o homem e a mulher devem desempenhar é o próprio Deus. Deus fez os homens para serem os cabeças, dando a eles a função de liderar, e eles devem ser responsáveis diante de Deus. Deus fez as mulheres para serem auxiliadoras, assim como o próprio Deus se coloca ao lado do seu povo como auxílio. A liderança não significa que os homens têm a liberdade de fazer o que bem entendem. Ser líder significa ser servo. O modelo de liderança para os homens é o de servos, como Cristo foi servo. O modelo de auxílio para as mulheres é o de servas, como Deus é aquele que nos serve dando-nos a salvação. Deus se responsabilizou pelos homens e mulheres que comprou para si, para que, servindo a ele, tivéssemos vida eterna. O papel do homem e da mulher deve de tal forma representar uma complementaridade, que através deles deveria ser possível compreender melhor ao próprio Deus.

O capítulo 8 trata do papel do solteiro na família da aliança. É um capítulo muito especial pois geralmente esse assunto é relegado a segundo ou terceiro plano. O ponto focal é compreender que Deus tem um papel dinâmico para cada pessoa desenvolver na vida, seja casada ou solteira. Ser solteiro não é estar em uma condição superior ou inferior. Embora o fundamento dado por Deus seja o casamento e a geração de filhos, entretanto, nem todos se casam e nem todos conseguem gerar filhos. O importante é aprender aqui que o solteiro participa ativamente da vida da igreja auxiliando no desenvolvimento, no treinamento e na disciplina.

Os capítulos 9, 10 e 11 tratam dos filhos, sua modelagem e sua educação e disciplina. Nesta época do politicamente correto, em que o mais importante é resgatar direitos e direitos, esses capítulos são reconfortantes. Bem-vindos ao princípio! É preciso ensinar às crianças desde cedo também responsabilidades e obrigações. A Bíblia ensina que os filhos são um presente de Deus, uma herança, um meio para servir. Isso significa que eles pertencem a Deus e são dados aos pais para serem nutridos e assim continuarem a obra do reino de acordo com a vontade e os planos do Criador. Os filhos são o meio para a continuidade do trabalho de Deus na terra. Deus confia nos pais e dá a eles a sua possessão mais preciosa para ser moldada. Essa modelagem se dá em todo tempo. Andando, falando, indo e vindo, enfim, em todas as situações os pais devem estar conscientes de que estão ensinando e disciplinando. Conquanto o ensino deva ser

relevante para a vida, a disciplina deve ser o treinamento na verdade.

O capítulo 12 descortina como os pais devem ser nutridores da família da aliança. Para tanto, os autores trabalham com a palavra hebraica *hannuk* que aparece em Provérbios 22.6, trazendo toda a riqueza da termo e do significado do texto. É preciso tratar com a criança de acordo com a sua faixa etária, para que ela venha a ser um adulto capacitado e preparado para o reino de Deus.

Os capítulos 13 a 15 demonstram como educar os filhos em cada um dos mandatos — espiritual, social e cultural. Quanto ao mandato espiritual, vale a pena ressaltar aqui que os filhos terão prazer na adoração segundo o prazer que seus pais demonstrarem. Quanto ao mandato social, os papéis do homem e da mulher serão aprendidos de modo vivenciado, como, por exemplo, homem e mulher se elogiarem e declararem seu amor, desenvolverem a cortesia e o prazer em servir um ao outro. Quanto ao mandato cultural, assim como toda a terra pertence ao Senhor Deus, assim também as habilidades (profissões) que concedeu. Dessa forma, qualquer profissão deve ser vista como importante para uma vida cristã de serviço ao Senhor Jesus.

Os capítulos finais, de 16 a 18, ensinam acerca das virtudes, do culto no lar e da influência que a família da aliança deve exercer. O lar que adora a Deus é o lugar clássico para o desenvolvimento das virtudes (de um modo especial o fruto do Espírito: amor, paz, longanimidade, alegria...). A família que cultua em casa pratica o exercício de adoração comunitária, de dependência mútua de Deus, de seu perdão e de sua misericórdia. As crianças que são assim treinadas estão mais preparadas para a adoração pública com toda a comunidade. Quanto à influência da família da aliança, os pais devem estar preparados para tratar dos mais variados assuntos em casa — da boa administração dos bens (desde os brinquedos) e de assuntos aflitivos e perigosos como as drogas e a imoralidade —, e assim poderão estabelecer com discernimento a boa utilização dos recursos tecnológicos à disposição das crianças (TV, videocassete, Internet, etc.). Pais que não se preocupam com os limites são pais que não temem a Deus.

Esse livro é igual a outros e é diferente. É igual na temática, mas desafio cada leitor a debruçar-se sobre ele, com a Bíblia aberta ao lado, para verificar as marcantes diferenças em profundidade e abrangência bíblica. Vamos verificar se essas coisas são realmente assim. Ao final, tenho certeza, daremos saltos de alegria por ter sido desvendada para nós a direção que Deus propôs para cada um dos seus filhos.

— *Tarcízio José de Freitas Carvalho*